

tando o time da Caixa, que é fantástico, né? A Caixa hoje tem 90 mil empregados. Na época que eu fiz o Caixa pra Elas, que foi um programa de inclusão financeira, em 40 dias, na própria Universidade Caixa, a gente capacitou 8 mil pessoas para irem pra ponta, ouvir e ajudar o cidadão a resolver o problema dele. Então o cidadão comum, uma bolei-ra dentro da favela, tem uma lojinha de bolo, ela não sabe como é que ela emite uma nota fiscal, como é que ela abre uma MEI, ela tem medo de abrir a MEI, né? E ela: Agora vou ter que pagar imposto, agora vão me pegar, vou perder meu Pix. Então tem um trabalho ali que a gente está ressignificando e que vai envolver capacitação do time da Caixa e tecnologia para gente, um, desenhar políticas públicas para que ela seja o banco da prosperidade. Então a gente quer o quê? A família que está endividada vai conseguir quitar sua dívida e começar a fazer uma poupançazinha. Como você faz isso? Reestruturando e recompondo a capacidade financeira. A melhor forma é os juros. A hora que a gente bota as contas no lugar e o juro cai, a prestação do cara já cai, junto, né?

CM - Essa questão dos juros, eu dei uma nota. E essa evasão de divisas que está tendo nas últimas semanas, quase 15 bilhões saindo, principalmente para investidores americanos, está afetando muito a saúde dos gigantes varejistas e que está tendo aí uma mudança e um movimento para aquisição na bacia das almas. Você acha que, de alguma forma, essa evasão de divisas pode estar sincronizada com esse apetite de compra desses ativos na bacia das almas?

DM - Acho que essa saída de divisas, quando eu falo que o Lula está levando o Brasil para o AJ, é porque, mesmo com o juro mais alto do mundo real, não está aparecendo ninguém para financiar. O pessoal está indo embora porque não acredita mais que vai ser pago. Então, eles perderam a credibilidade e a confiança. Então, o paciente está com febre de 45 graus agora. O paciente é o Brasil. Se não houver uma mudança, o juro vai para 18, o câmbio vai para 6. Por quê? Porque eles reafirmam que esse modelo está funcionando, está lá no plano deles, né? O Gabrielli, que é o coordenador do plano do Lula, disse que essa história de endividamento é meio que fake news. Então, você está todo mundo com a cor-



Magnavita durante entrevista com a ex-presidente da Caixa, Daniella Marques

“O mercado antecipa de forma pragmática e fria. É um termômetro. O Flávio passou na pesquisa agora e o juro já começou a cair, porque eles sabem que no nosso plano a gente vai colocar as contas no azul e fazer a economia rodar”

Daniella Marques

da no pescoço, algumas empresas indo para o Paraguai, Casas Bahia, o Habib's, a Chili Beans, o Pão de Açúcar, Braskem, Cosan. Isso são as grandes, são mais de 9 milhões de CNPJs inadimplentes, 8 milhões pequenos. E aí ele tem mentido, por isso eu estou me esforçando em informar e quero deixar isso aqui para quem lê e te assiste, eu sou sua fã também, é o seguinte: eles agora estão dizendo que: “não, 82% de dívida PIB, ou seja, tudo que o Brasil produz de riqueza já está consumido em dívidas, em 82. Se nada for feito, vai bater 100%”. E aí o Lula disse assim: “não, mas no Japão e nos Estados Unidos também é 100%”. Isso é como você comparar assim: nós dois temos uma dívida de 10 mil, mas a minha renda é 12 e a sua é 100 mil. Então, não são coisas comparáveis. O PIB dos Estados Unidos é mais de 10 vezes o do Brasil. E o juro real dos Estados Unidos é de um dígito, do Japão também. Então ele mais uma vez tenta enganar como se isso fosse uma política de mercado, e isso é a política mais social que vai existir.

CM - E a questão nacional na preservação das instituições e empresas brasileiras, com a chegada muito estratégica do capital chinês. Por exemplo, você vê agora a Odebrecht, que é dona dos

submarinos nossos, comprado por uma empresa portuguesa, que quando você puxa o fiapo pertence já à capital chinês. Como é que você vê a chegada dos chineses como investidores e assumindo empresas tradicionais do Brasil? Isso preocupa uma questão de soberania nacional ou o capital não tem pátria?

DM - Na verdade, você promover o investimento privado é bom e saudável. Agora, quando existe uma má gestão, um descontrole, um aparelhamento das agências reguladoras, né? Todos os empresários sabem que tem um aparelhamento total, você está perdendo o controle e talvez entregando ativos que são de fato estratégicos para a mão de outros países. Então o Flávio está com um olhar muito apurado para isso. É um momento diferente do mundo. O Brasil tem ativos, é a matriz de segurança alimentar, energética. Agora tem um boom de investimento em inteligência artificial, em data center, que a gente deveria estar capturando e não está. Então aqui tem terras raras, minerais críticos, então a gente tem que botar essa vantagem competitiva e o governo atuar como um grande coordenador e fazer isso na forma correta e não de uma forma totalmente desorganizada, entendendo que a estatização

disso tudo é que é a solução. Então tem um meio termo aí. E soberania é você andar na rua com segurança, né, Magna Vitória? Hoje a gente não tem soberania nem para andar na Faria Lima, ou no ônibus e não roubarem seu celular.

CM - Vou fazer uma confidência aqui: eu estava vindo pra entrevista aqui em São Paulo. Aqui em São Paulo, com o celular na mão, você tem que conversar com ele no meio do táxi, assim, porque se você estiver do lado do vidro, alguém vem e mete uma vela.

DM - Os táxis agora estão no aviso: não fale no celular pra não quebrar o vidro. Eles nem deixam.

CM - Agora, a economia versus segurança é fundamental, né? Ter emprego, pleno emprego, como é que você vê a relação cidadania, segurança e economia?

DM - A segurança é uma obrigação do Estado. E a economia é só o Estado não atrapalhar. Hoje o Estado atrapalha. Um cara que quer vender um pastel, ele tem tanta burocracia, né? Tem que fazer um projeto na prefeitura, depois tem que ir no bombeiro, depois tem na vigilância sanitária, aí tem que saber onde descartar o óleo, aí ele não tem uma maquininha da caixa pra ajudar, aí passou 45 dias, ele não vendeu nem o pastel, já tem a guia de imposto pra pagar e não conseguiu. Então hoje o Estado atrapalha esse desenvolvimento. Na segurança, os resultados... o crime está tomando conta do país e precisa haver um enfrentamento sério e uma aplicação rígida da lei em presídios, nos portos e aeroportos, construção de presídios e uma aplicação, acabar com a impunidade. Então essa declaração que o Flávio fez de guerra ao crime, tudo que está refletindo na política, por isso ele tá sendo tão ameaçado, hostilizado, todo dia tá arriscando a própria vida nesse projeto, é o início de mudança de direção e todos estão vendo que a intenção do discurso é boa, mas quando traz como resultado eu, que sou mulher, o maior número de assassinato de mulheres num semestre desde 2015... Os números falam por si, não adianta fazer guerra de narrativa. Eu sou uma pessoa técnica, não sou política, não estou na guerra, então tenho muito trazido, assim, os fatos, que isso é o quê? É um afrouxamento da política. A hora que um estupra-dor é solto 24 horas depois e

pode voltar, e a mãe com as filhas não estão protegidas, aplica a lei só, não precisa de mais.

CM - Nós estamos chegando ao final da entrevista, eu queria falar de uma coisa que criou, assim, no imaginário popular empresarial, o ente chamado Faria Lima. Me fala qual é a sua visão desse ente Faria Lima. Existe um ente Faria Lima? O que que incorpora atrás desse pensamento de oligarquia, esse ente Faria Lima?

DM - O ente, existe, toda a economia própria tem um setor financeiro forte. Acho que o Brasil tem uma concentração bancária muito grande, por isso a gente fez, no nosso governo, um estímulo à competição, às fintechs, ao digital. A gente criou o Pix, lá numa agenda com o Banco Central. Justamente agora, no governo do Flávio, a gente vai, por exemplo, tirar o imposto de 15% que tem do capital estrangeiro, é único. Não existe esse imposto para dívida pública, para ações de empresas listadas e não listadas. Na hora que o capital estrangeiro vem para financiar o crédito das empresas pequenas, médias e grandes, tem um imposto que fecha a fronteira, abre para ter mais concorrência de capital. E aí tem um lado que é o lado pragmático, zero ideológico, que é o que vai acontecer com o Brasil nos próximos seis meses?. Então o mercado vive de fazer projeções. Então o resultado eleitoral, ele é só... eles tentam fazer a leitura e hoje tá claro, você viu essa semana. O Flávio passou na pesquisa agora, o Juro já começou a cair. Por quê? Eles sabem que no nosso plano a gente vai colocar as contas no azul. E por que que antes estava subindo? Porque no plano do Lula, eles acham que tem que continuar gastando. Então o mercado antecipa isso de forma pragmática e fria. Termômetro. Porque se der certo ou se der errado, vão continuar apostando outra vez e o capital vai embora para outro país, que é pra quase onde a gente tá indo. Então ele é um termômetro realista sobre, tentando antecipar um prognóstico do que vai acontecer com a economia pra frente.

(Continua na próxima edição do Correio da Manhã)